

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento da Agenda Social dos Povos Indígenas**

São Gabriel da Cachoeira-AM, 21 de setembro de 2007

Eu quero primeiro dar os parabéns a todas as mulheres, homens e crianças que estão aqui, porque ficar esse tempo todo nesse calor, só alguém que mora em São Gabriel da Cachoeira, porque este pernambucano aqui está suando desde as 7 horas da manhã.

Segundo, quero cumprimentar o nosso querido companheiro governador Eduardo Braga,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça,

Quero cumprimentar o companheiro ministro da Saúde, José Temporão,

Quero cumprimentar o senador João Pedro,

Quero cumprimentar as deputadas federais Rebecca Garcia e Vanessa Grazziotin,

Quero cumprimentar o nosso general-de-brigada José Cláudio Fróes de Moraes, comandante do 2º Grupamento de Engenharia de Manaus,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito da cidade,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Márcio Augusto Freitas de Meira, presidente da Funai,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Danilo Forte, presidente da Funasa,

Quero cumprimentar o companheiro Domingos Barreto, presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro,

E quero cumprimentar a imprensa e meus caros líderes indígenas.

Quero dizer para vocês que hoje é um dia simbólico. Simbólico porque nós estamos aqui em São Gabriel da Cachoeira exatamente no dia em que se comemora o Dia da Árvore. O Dia da Árvore, a árvore tão cobijada no século

XXI e tão destruída no século XX e no século XIX. Certamente o mundo inteiro olha para a Amazônia com inveja, porque ela é brasileira, e discute a questão climática baseado numa floresta brasileira que preservamos, até agora, 69% dela. Ao invés de ficarem de olho gordo na nossa floresta, é melhor que o mundo desenvolvido comece a plantar as árvores que eles destruíram durante tantos séculos para estabelecer o padrão de consumo que está estabelecido no mundo hoje. E eu acho que no Dia da Árvore era importante que todos nós tivéssemos consciência de que é tão simples plantar uma árvore. Se cada um plantasse uma no seu quintal, se cada um plantasse uma na rua, na frente da sua casa, quem sabe a gente pudesse fazer com que o mundo fosse muito mais tranquilo e muito melhor para sobreviver.

Mas também não é apenas o Dia da Árvore, é o dia em que o País anuncia ao mundo que água potável e saneamento básico não são mais coisas de quem mora na avenida Paulista ou na avenida Copacabana. São coisas para quem mora aqui, na cidade do interior do estado da Amazonas, e também para as comunidades indígenas. Hoje é dia da gente anunciar, em São Gabriel da Cachoeira, que é dia da reparação, da reparação do Estado brasileiro com os índios, da reparação do Estado brasileiro com os negros e da reparação do Estado brasileiro com a parte mais sofrida da população brasileira.

Eu queria dizer, meu caro prefeito, meu caro governador e meu caro general, eu fico pensando se um presidente da República não pegar um avião e vier visitar São Gabriel da Cachoeira, os problemas de vocês são tão distantes do Palácio do Planalto que dificilmente um presidente da República, que muitas vezes não recebe o índio, que muitas vezes não recebe o negro – recebe outro tipo de gente, que vai lá reivindicar outras coisas – os reais problemas do Brasil muitas vezes não aparecem. Se a gente não pega um avião e vem até aqui para ouvir da boca de vocês as suas necessidades, certamente as comunidades indígenas iriam continuar esquecidas por muito tempo.

Na verdade, durante séculos se tentou passar para a história deste País que índio era preguiçoso e não trabalhava. Durante muito tempo se tentou passar para uma parte da sociedade brasileira que índio não gostava de trabalhar, entretanto, nós temos que perguntar: Qual a chance e a oportunidade que foi dada aos índios nesses 500 anos? A primeira coisa que

os portugueses fizeram quando chegaram ao Brasil foi tentar destruir o povo que já existia neste País e que, portanto, era dono do nosso território. Depois, tentaram fazê-lo trabalhar nos trabalhos pesados como os escravos trabalharam. E quantos foram mortos e quantos foram vitimados. Graças a Deus, o nosso País tomou consciência, aprovou na Constituição de 88 normas mais duras de proteção à cultura indígena. E, agora, o nosso governo decidiu que nós temos que cuidar do índio como nós temos que cuidar dos 190 milhões de brasileiros. Não é possível uma criança indígena ser obrigada a beber água sem tratamento, do dia em que nasce ao dia em que morre. Não é possível não ter coleta de esgoto nas terras indígenas ou nas terras dos negros neste País.

Nós, com o PAC Funasa, estamos começando a virar uma página da história do Brasil, levar benefícios para as pessoas que estão mais distantes neste País, para as pessoas que moram em comunidades, para as pessoas que, muitas vezes, nunca viram uma cidade, mas não estão diminuídos por isso, porque são brasileiros iguais ao presidente da República, iguais ao governador do estado, iguais aos ministros que estão aqui, iguais ao general.

Eu sei, meu caro governador, e perguntei ao general, eu fiquei sabendo de uma história de uma hidrelétrica que começou a ser construída aqui, ainda no tempo do presidente Sarney, e essa hidrelétrica foi paralisada. Certamente as obras feitas também já se destruíram, e eu pedi tanto ao governador como ao general para que me levem esse projeto, porque se tiver possibilidade de fazer uma hidrelétrica aqui para iluminar São Gabriel da Cachoeira, nós iremos fazer essa hidrelétrica para iluminar São Gabriel da Cachoeira. Muitas vezes, nós achamos que 40, 50 milhões para fazer uma obra para favorecer os mais pobres é muito caro. Mas, muitas vezes, a gente gasta 8 bilhões para favorecer apenas meia dúzia de gente já abastada neste País.

Portanto, meu caro governador, meu caro general, vocês têm um compromisso de me levar o histórico, porque eu também vou cobrar do ministro da Justiça. Não é justo, não é humanamente correto, não é economicamente correto a região mais pobre do País ter a energia mais cara porque é termelétrica de óleo diesel. Nós sabemos que aqui, no estado do Amazonas, os rios não têm grandes quedas d'água. Portanto, se não têm grandes quedas d'água, é difícil fazer hidrelétrica, e também porque nós precisamos saber onde

fazer, porque nós temos que preservar a questão ambiental, pois essa é uma região muito nobre para o nosso País e também para o mundo. Mas é preciso que a gente discuta, governador, como resolver esse problema.

O programa Luz para Todos certamente não chegou a todas as casas, porque nós decidimos, até 2008, atender 12 milhões de brasileiros. Já atendemos quase 7 milhões de brasileiros e aqui, nesta região, às vezes levar luz a uma casa custa 2 mil e 500 dólares por uma casa apenas. Então, fica muito mais fácil fazer num grande centro urbano, porque com um poste só, a gente coloca luz na casa de 10, 15 ou 20 pessoas. Aqui, às vezes, tem que ter 100 postes para você levar 3 bicos de luz a uma casa no meio do mato. E nós iremos fazer, porque eu quero ser o presidente da República a apagar a última lamparina neste País, o último candeeiro, porque candeeiro precisa virar uma peça de museu, para os nossos filhos saberem que um dia existiu. Não é apenas aqui que no nosso quartel tem energia e na comunidade indígena não tem. Você vai a São Paulo, perto de uma grande hidrelétrica, a 800 metros tem uma vila que não tem luz elétrica. Muitas vezes, Eduardo, os governantes governam pensando o seguinte “aquela turma é muito pobre, eles são muito poucos, eles não aprenderam a reclamar, então, para que atender? Vamos deixar para o futuro”. E o futuro vai permitindo que as pessoas continuem cada vez mais pobres. Acabou. Eu digo sempre o seguinte: tem gente que diz que gosta de governar. Eu, na verdade, gosto de cuidar deste País, e cuidar deste País é cuidar das pessoas que mais precisam do Estado brasileiro. Agora, também não pode o Alfredo, cada vez que está comigo em uma obra, ficar anunciando tantas estradas assim. Vocês viram que ele já anunciou 30 milhões, já anunciou ponte, já anunciou a 307, já anunciou porto. Eu não sei, mas daqui a pouco ele vai anunciar que vai me dar um peixe pescado no Rio Negro de presente, e eu não posso aceitar, porque ambientalmente eu não quero comer peixe do Rio Negro.

O dado concreto é que foi a primeira vez que eu passei em cima daquela ponte. Foi a primeira vez. Portanto, eu disse ao Alfredo: “não é possível que a ponte que liga a cidade seja uma ponte de madeira sem-vergonha como esta”. O preço disso é quase nada e não tem explicação. Qualquer pessoa que chegar aqui vai dizer: o que este governo está fazendo?

Então, eu quero dizer a vocês que nós ainda temos 3 anos e meio de

mandato. Três anos e meio, no segundo mandato, permitem que a gente produza o dobro do que a gente produziu no primeiro, porque a gente já aprendeu, a gente já sabe onde está a burocracia que emperra as coisas, a gente já sabe onde a gente tem dificuldades. Portanto, meu companheiro governador Eduardo Braga, eu quero dizer que para mim é uma coisa extremamente prazerosa ser presidente da República junto com você, governador do estado, porque a gente pode estabelecer parceria, confiança, e fazer as coisas andarem como estão andando aqui. E também, muito importante, é o estado do Amazonas ter me dado um ministro da qualidade do companheiro Alfredo Nascimento, que tem olhado para esta região com um carinho extraordinário. Esta minha vinda aqui é uma vinda simbólica. Nós vamos visitar, Danilo, Márcio, muitas comunidades indígenas porque nós estamos anunciando água e esgoto nas comunidades indígenas. Agora, é preciso a gente ficar esperto, governador, prefeitos, Funasa, Funai e o povo, porque muitas vezes eu estou aqui anunciando, mas daqui a três meses eu pergunto, e a obra não saiu; daqui a quatro meses eu pergunto, e a obra não saiu; daqui a dez meses eu pergunto, e a obra não saiu.

Pois bem, o governador está me alegando que é preciso tomar cuidado, porque às vezes uma obra desta comunidade pode ser uma obra pequena, é uma obra muito distante que, certamente, uma empreiteira não quer fazer, porque é pouco dinheiro e muita distância. Eu quero dizer aqui: se nenhuma empreiteira quiser fazer, as nossas Forças Armadas irão fazer essas obras. Ninguém vai fazer chantagem na hora de cuidar da parte mais pobre deste País.

Portanto, eu queria pedir a vocês a compreensão, queria pedir às lideranças indígenas, queria pedir a todo mundo que ficasse de olho, porque as coisas precisam acontecer. Eu, agora, meu companheiro Domingos, volto para Brasília. Na verdade, eu não volto para Brasília, eu vou para São Paulo, domingo à noite viajo para Nova Iorque, e vou abrir, na terça-feira, o Congresso da ONU, das Nações Unidas, para falar sobre a questão climática. Agora, terça-feira, eu estarei em Brasília, e aí vou começar a andar pelo Brasil. Se vocês não ficarem de olho e se não ficarem telefonando para a Funai, para a Funasa, para mim, para os Ministérios, para dizer que as coisas não estão acontecendo, a gente também não pode adivinhar. É importante que a

sociedade fiscalize, é importante que a sociedade cobre, porque senão as coisas demoram mais para acontecer.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.